



A portentosa nave dos alternadores da central de Miranda do Douro (foto Alvão)

## Electrificação e arquitectura

# Património nascido da luz

Faz agora meio século que um ambicioso programa de electrificação, gizado pelo ministro Ferreira Dias, iria mudar a face do País no que tocava à produção de energia. Tratou-se da construção de um número assinalável de barragens nas bacias hidrográficas com maiores potencialidades, por forma a satisfazer as necessidades de consumo necessárias à modernização da sociedade portuguesa.

A emergência deste programa e a sua concretização, que deu lugar à criação de um património edificado, que veio a revelar-se de uma excepcional importância para a época, tornou-se possível devido à conjuntura histórica que então se viveu. Por um lado, o chamado Estado Novo, regime conservador tutelado pela ditadura salazarista, viu-se obrigado, após a derrota dos fascismos na II Guerra Mundial, a abrir-se às exigências do progresso económico e social, fomentando a industrialização do país e ultrapassando a tradicional política baseada nas obras públicas, de que havia sido grande impulsionador Duarte Pacheco. Por outro lado, e no que tocava à expressão arquitectónica, as restrições impostas pelas autoridades de então a uma plena assunção duma linguagem moderna começavam a abrandar, o

que foi também facilitado por se tratarem de construções de carácter técnico, onde revivalismos historicistas ou regionalistas, que vieram a ser conhecidas por “português suave”, não tinham cabimento.

Foi assim que nos complexos construídos no Zêzere, no Cávado-Rabagão e, sobretudo, no Douro Internacional surgiram, para além das barragens, toda uma série de edificações de mais variada índole, como centrais eléctricas, conjuntos residenciais, oficinas, escolas, capelas, centros comerciais, estalagens, etc., que constituem casos exemplares de arquitectura do que depois veio a chamar-se o segundo modernismo português. É neste sentido que alguns desses conjuntos constituem hoje um património de inquestionável importância.

São, sobretudo, notáveis os casos da bacia do Cávado-Rabagão e do Douro Internacional. No primeiro, cujos projectos se devem a Januário Godinho – reconhecido como um dos mais prestigiados arquitectos portugueses dos meados do século – destacam-se as centrais de Venda Nova, Salamonde e Pisões e, ainda, as notáveis estalagens destas duas últimas barragens. Mas, no caso do Douro Internacional, com as barragens de Miranda, Picote e Bem-

posta, trata-se de um conjunto verdadeiramente excepcional que, pela sua situação geográfica periférica, se manteve afastado durante décadas das atenções da crítica e da historiografia da arquitectura. Há poucos anos, essas obras foram reveladas através de um livro intitulado *Moderno Escondido*, da autoria de Michele Cannatá e Fátima Fernandes, e editado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto. Aí se podem contemplar os magníficos estudos e projectos da autoria dos arquitectos Archer de Carvalho, Nunes de Almeida e Rogério Ramos, feitos em estreita colaboração com os engenheiros da Hidroeléctrica do Douro. Desde a sábia implantação nos difíceis terrenos em escarpa, à articulação dos vários edifícios e equipamentos, de uma linguagem rasgadamente moderna, e ao desenho cuidado dos interiores e mobiliário, estes conjuntos, com destaque para o de Picote, constituem um património de grande coe-rência e altíssimo valor no quadro da arquitectura portuguesa do séc. XX. 

**NUNO TEOTÓNIO PEREIRA,**  
Arquitecto